

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PROPRIEDADE DA SOC. NACIONAL DE TIPOGRAFIA

9 DE SETEMBRO
DE 1956

Director: Guilherme P. da Rosa
Editor: José Benigno Peres

Redacção, administração e oficinas
Rua do Século, 49 — LISBOA

NÚMERO 1.011
ANO 50.º

TONY DE MATOS O CANTOR DA VOZ ROMANTICA VOLTA AO BRASIL?...



Segundo se afirma nos meios bem informados Tony de Matos, um cantor radiofónico que não precisa de adjectivos e que está presentemente trabalhando a bordo do «Vera Cruz», no Cruzeiro que este barco vem realizando de visita aos nossos domínios ultramarinos, pensa levar a efeito, ainda este ano, uma tournée ao Brasil, Argentina e Venezuela, na propaganda do nosso folclore.

Tony de Matos, que ainda não há muito tempo esteve no Brasil, onde deixou boa impressão, pensa fixar residência na América do Sul, para o que conta já com importantes contratos para a rádio e televisão. A confirmar-se esta notícia Tony de Matos deverá abandonar o nosso país nos primeiros dias de Novembro, na companhia de sua esposa a artista Maria Sídónio.

TRES NOVOS MÉTODOS PARA TRATAR A GAGUÊS

E STABELECER as causas que fazem aparecer a gaguez, o mecanismo que está na base desta, muitas vezes, penosa alteração da linguagem, e enfim, o tratamento mais apropriado e mais eficaz, representa um conjunto de problemas muito complexos e, é preciso reconhecê-lo, de não fácil solução. Esta, não significa, porém, que a pessoa que gagueja, deva considerar a partida perdida, com antecedência: pelo contrário, deve ter confiança em si própria, e saber que a reconquista de uma linguagem livre e fluente, não está absolutamente fora das possibilidades. O exemplo clássico de Demostenes, que era gago e se tornou um orador famoso, não é uma lenda, mas sim um episódio autêntico. Demostenes devia a sua vitória, à indomável vontade de vencer o próprio defeito, e ainda hoje, a vontade ocupa um lugar de primeira ordem no plano das curas. Mas actualmente, também o médico pode, de várias maneiras, trazer uma ajuda, de modo que o prognóstico é sem dúvida mais favorável do que o de outro tempo.

Os casos da gaguez encontram-se em toda a parte, entre todos os povos, mais frequentes, porém, em relação à elevação do nível cultural.

Por exemplo, na Europa, o defeito torna-se mais espalhado, andando de Leste para Oeste: em Viena e em Praga, 5 ou 6 crianças em mil, são gagas, em Londres chegamos a 11, e se formos até Nova York, encontramos 15. Estas estatísticas foram feitas sobre casos registados em crianças porque este defeito vocal se revela que 6 na infância, entre os 3 e 5 com mais frequência.

É excepcional que a pessoa se torne gaga aos 15 anos, ou depois: pelo contrário, acontece frequentemente, que o fenómeno desapareça espontaneamente, exactamente na idade da puberdade. Este facto, pode ser relacionado com um factor hormonal? Seria lógico pensá-lo, tanto mais, quando se considera que a gaguez prevalece decididamente num sexo, o masculino, mas até agora, nada de exacto se pôde estabelecer sobre este assunto.

Pelo contrário, é certo que a gaguez é, em substância, determinada por inesperados espasmos dos músculos da respiração e da linguagem: contracções espasmó-

dicas, pelas quais os movimentos destes músculos, que normalmente são coordenados de maneira perfeita, se tornam desordenados e obrigam o paciente a deter-se sobre um certo som ou grupo de sons, especialmente sobre determinadas consoantes labiais, e dentais, como p, b, t, q. O gago não consegue começar uma certa perá-la para passar à seguinte, ou ainda, deve repeti-la apressadamente antes de estar em condições de continuar o discurso.

Mas qual é a explicação de um tal obstáculo? (estorvo). As teorias são muitíssimo numerosas, e o próprio facto de se falar de «teorias», e que estas sejam múltiplas, demonstra, que uma interpretação bem fundada, não é ainda possível.

Como dizem os autores de uma recentíssima publicação (R. Sigurtá e M. De Benedetti Barbieri: «A gaguez» — dição Minerva Médica, 1956), estamos diante de um círculo de hipóteses e de definições, que tornam árdua a tentativa de enquadrar a gaguez. Por exemplo, enquanto o gago é habitualmente considerado uma pessoa muito emotiva, fácil às reacções impulsivas, há muitos psicólogos, que pelo contrário o julgam psiqui-

(Continua na pág. 7)

DEPOIS DO NAUFRÁGIO

DO «ANDREA DORIA» SURGEM HIPÓTESES E ACUSAÇÕES

COMO em 29 de Junho por cima do Arizona, em 25 de Julho ao largo de Nantucket, ainda uma vez o homem traía a máquina. Embora não se tenha ainda feito nenhum inquérito oficial, as declarações dos dois comandantes, o capitão Piero Calamai, do «Andrea Doria», e o capitão Gunnar Nordenson, do «Stockholm», as dos oficiais e as das equipagens, e as circunstâncias da colisão permitem já reconstituir a catástrofe.

Uma espessa bruma cobria o largo do cabo Cod e de Nantucket, conhecido como o «Corredor do Atlântico» porque se cruzam ali todos os dias uns sessenta paquetes, cargueiros e petroleiros que vão da América para a Europa e vice-versa. O farol de Nantucket, situado a quarenta milhas da ilha, é o primeiro ponto de contacto com a América dos navios que vêm da Europa. E também o «cemitério dos navios», tanto os acidentes são ali relativamente frequentes. As condições atmosféricas, em 25 de Julho, eram perfeitas para criar nevoeiro opaco: uma camada de ar quente atraída por um mar mais frio que a condensava em névoa.

O radar do «Stockholm» funcionava. Um dos dois radares do «Andrea Doria» funcionava igualmente. Talvez os dois.

O nevoeiro não prejudicava o radar, pois no momento do S. O. S. do «Andrea Doria», em 25 de Julho, às 23 horas e 20 (hora americana), isto é, em plena noite, o comandante Raoul de Beaudéan, do «Ile de France», os seus colegas do transporte militar «William Thomas», do cargueiro «Cape Ann» e das vedetas guarda-costas podiam ver nos seus «écrans» os dois navios chocados. Foi isso que permitiu ao comandante Beaudéan avançar a todo o vapor (22 nós) para o local do acidente, mau-grado o nevoeiro.

Um oficial de ponte do «Andrea Doria» declarou que o comandante Piero Calamai vira o «Stockholm» no seu «écran» de radar e, por quatro vezes, lhe lançou uma mensagem de rádio pedindo-lhe que modificasse a rota. O comandante Nordenson acusou a recepção de duas destas mensagens, mas não mudou o rumo.

Ora, o local do acidente mostra que o «Stockholm» estava a cerca de 25 milhas ao Norte da sua rota América-Europa, ao passo que o «Andrea Doria» estava provavelmente a cinco milhas ao Sul da sua rota Europa-América.

EXCESSO DE VELOCIDADE ?

Segundo a própria confissão do comandante Nordenson, o «Stockholm» seguia na sua velocidade máxima — dezoito nós e meio. A velocidade do «Andrea Doria» que

no momento da colisão não é conhecida. Mas as leis marítimas prevêm que, em tempo de nevoeiro, um navio (mesmo com radar) não deve exceder a velocidade além da qual não seja capaz de parar antes de ir chocar com um obstáculo que surja na sua rota. Os passageiros reconhecem que a sereia de nevoeiro do «Andrea Doria» funcionava (um toque de seis segundos em cada dois minutos) no momento do acidente. Pelo contrário, um membro da equipagem do «Stockholm» declarou que a do seu barco não funcionava. Logo que viu o paquete sueco, o comandante do «Andrea Doria» deu a ordem «tudo a bombordo», tentando evitar a colisão. O «Stockholm» continuou a direito, mas um dos seus marinheiros afirma que as máquinas tinham sido postas em marcha à ré.

As regras de navegação prevêm que os navios devem cruzar-se bombordo por bombordo, isto é, como os carros na estrada, cada um conservando a sua direita, mas o facto de ter sido por estibordo ou seja no seu flanco direito que o «Andrea Doria» foi abalroado, indica uma falsa manobra no último minuto.

Enfim, porque é que o «Andrea Doria», considerado «insubmersível», jaz agora a setenta metros de profundidade sobre as areias do banco de Nantucket? Os seus compartimentos estanques não estavam fechados — como deviam estar com tempo de nevoeiro? Embora o rombo só atingisse um compartimento, é provável que o cho-

queto italiano estava munido com esse dispositivo. Parece também que, depois do choque, os oficiais do «Andrea Doria» se esforçavam por fechar esses compartimentos à mão.

O «United States», que tem também a reputação de ser «insubmersível» — reputação que tem a desgraça de desafiar o mar, dizem os velhos marinheiros — possui portas automáticas e o seu casco está dividido em mais de cem compartimentos estanques, como um navio de guerra, pois foi construído para servir de transporte de tropas.

De tudo isto conclui-se:

- 1.º — Que o comandante do «Stockholm» não viu ou não «acreditou» no seu radar, mau-grado as advertências pela rádio do comandante do «Andrea Doria»;
- 2.º — Que o «Stockholm» seguia (segundo a própria confissão do seu comandante) com demasiada velocidade, e o «Andrea Doria» também, provavelmente, atendendo ao tempo que estava;
- 3.º — Que os radares dos dois navios funcionavam normalmente, mas que os homens traíram as máquinas, negligenciando manobrar conforme as imagens dos «écrans»;
- 4.º — Que a sereia de nevoeiro do «Andrea Doria» funcionava segundo os regulamentos, mas a do «Stockholm» estava provavelmente silenciosa;
- 5.º — Que uma errada manobra do último minuto tornou a colisão inevitável e mais violenta do que teria podido ser.

Aguardando os inquéritos oficiais (um das autoridades italianas, outro das suecas e um terceiro do governo americano no interesse da segurança da navegação) tudo isto são hipóteses — mas hipóteses tão concludentes como as declarações de dois automobilistas e das testemunhas e do exame dos carros na estrada após um acidente.

Como sempre, o acaso jogou um papel importante: com efeito, se o «Andrea Doria» não tivesse sido abalroado por um navio com proa reforçada para quebrar os gelos que pode encontrar durante o Inverno nos mares do Norte, como o «Stockholm», o rombo teria sido muito menos profundo, o choque menos violento e só um, o máximo dois compartimentos estanques teriam sido inundados. O navio adornava, mas ficaria à superfície.

Deve notar-se que, com o efeito do choque, a proa do «Stockholm»

«penetrou» na extensão de dezoito metros!

Por outro lado, se a colisão não se tivesse dado poucas horas (oito exactamente) antes da chegada do paquete italiano a Nova York, ele poderia ter-se salvo. É que a equipagem já trabalhava para a descarga e, por isso, a maior parte das portas dos compartimentos estava aberta para facilitar as deslocações. Enfim, o acaso quis que fosse atingido o compartimento dos geradores, cortando a corrente eléctrica durante minutos preciosos (o que impediu que se fechassem automaticamente os compartimentos) até pôr a trabalhar os geradores de recurso.

Notemos igualmente que, segundo parece, os criados do paquete italiano se esqueceram de fechar as vigias, precaução que o regulamento determina em tempo de nevoeiro, e que logo que o navio tomou certa inclinação o mar entrou nas cabinas, aumentando-a. Há, ainda, as acusações feitas por numerosos passageiros contra a conduta da equipagem do «Andrea Doria» desde que se encontrou em terra firme.

Uma análise destas acusações revela que elas provêm quase unicamente dos passageiros recolhidos pelo cargueiro «Cap Ann», ou pelo «Stokholm», ou da própria equipagem do paquete sueco ou de alguns dos seus passageiros que assistiram ao salvamento. Em compensação, a equipagem ou os passageiros do «Ile de France» ou os sobreviventes salvos pelo barco francês só tinham elogios a fazer aos que os socorreram, designadamente à equipagem do comandante Raouli de Beaudéan. Também o comandante John Shea, do transporte militar «William Thomas», que recolheu 158 passageiros do «Andrea Doria», afirma nada ter ouvido de desagradável para a sua equipagem e acrescenta: «Se fosse verdade, tenho a certeza de que os meus homens mo teriam dito».

A maioria dessas acusações — se não todas — provêm de passageiros das classes cabina e turística, onde as acomodações são muito mais estreitas e acanhadas. Alguns dos quais nunca embarcaram, pelo que sentiram os efeitos de um medo natural, mas capazes de falsear o seu julgamento.

Notemos, para terminar, estas três declarações: uma de um membro da equipagem do «Stockholm» Hulmuth Frey, que tomou parte no salvamento e diz que os seus camaradas do «Andrea Doria» se conduziram perfeitamente. Outra do governador de Filadélfia, sr. Richardson Dilworth, que só saiu do «Andrea Doria» no último escaler do «Ile de France» e disse que a equipagem italiana fora «espantosa» de sangue-frio e de coragem. E, enfim, de dois passageiros americanos do «Stockholm», o sr. Richard Post e sua esposa, que disseram: «Se nos encontrássemos na situação do «Andrea Doria», as coisas ter-se-iam passado da mesma forma ou talvez pior».

Respondendo às acusações, mons. Sebastiani Natta, capelão do «Andrea Doria», lembra que muitos passageiros talvez não tivessem compreendido que os homens da equipagem deviam descer primeiro

MEIO SÉCULO DE COLÓQUIOS COM GENTE SEM ESPERANÇA

CADA terça-feira, cerca das duas horas da tarde um grupozinho de mulheres, reúne-se na escadaria da igreja de S. Inácio, em Roma. É cedo, a praça está deserta sob o Sol de Julho. Algum empregado que acabou o horário de trabalho, atravessa-a apressadamente. Cerca das três, o grupo aumentou bastante. As mulheres, na sua maior parte anciãs e com o rosário na mão, esperam pacientemente que o sacristão abra a porta. Algumas recitam em voz alta as ladainhas, outras confiam, com as lágrimas nos olhos, as suas penas. Uma mãe espera há uma hora em pé, com um filho nos braços, com o olhar fixo no vácuo. Estas mulheres esperam o padre Felice Cappello, ao qual confiarão as suas preocupações e as suas dúvidas, seguras de obter consolação. Quando a igreja se abre, a pequena multidão move-se silenciosamente e desaparece na penumbra. Um sacristão e uma velhota examinam os bilhetinhos que as mulheres apresentam, e sobre os quais está marcado um «rendez-vous» (encontro).

O padre Cappello chega pontualmente. As mulheres vão ao seu encontro na imensa nave central e algumas mostram querer ajoelhar, outras tentam aproximar-se para lhe poder falar. Ele responde com poucas palavras aos pedidos mais urgentes, alcança o altar de S. Luis Gonzaga, ajoelha e permanece absorto durante alguns minutos. Entretanto, o sacristão e a velhota procuram manter à distância as mulheres que queriam aproximar-se, explicando que em breve o Padre começará as confissões; aquelas que foram admitidas no turno do dia devem colocar-se em fila segundo a precedência que lhes foi marcada pelo número progressivo escrito no bilhetinho que têm na mão. O padre Cappello levanta-se lentamente, com algum custo; depois, dirige-se para a porta da sacristia, da qual sai, pouco depois, de alva e estola. A mulher a quem calhou o primeiro lugar no turno, pode aproximar-se.

Uma terça-feira do passado mês de Fevereiro, apresentou-se no confessionário do padre Cappello, uma senhora vestida de escuro, com o rosto quase escondido por um longo véu negro. As velhotas

que frequentam assiduamente a igreja, afirmam que devia tratar-se de uma «dama». A mulher velada esperou a sua vez, depois ajoelhou-se de repente sobre o genuflexório de madeira, e começou a chorar. Eram soluços convulsivos, que faziam mal ao coração. As velhotas, por discrição, tinham-se afastado um pouco. Num certo momento viram a senhora misteriosa curvar a cabeça com resignação e aproximar os lábios da grade onde o confessor escutava. Foi um colloquio longo. Por fim, a dama velada levantou-se, fez o sinal da cruz, e foi rezar longo tempo diante do altar. Desde aquele dia, os pobres da paróquia recebem uma dupla ração de sopa, que já todos chamam «o dom da senhora velada».

A quinta-feira, o padre Cappello é esperado pelos homens, que são também em grande número, das mais diversas proveniências e de todas as condições sociais. É o operário que chega da aldeia; é o empregado que não voltou para casa depois do escritório; é gente pobre e gente rica, a julgar também pelos automóveis que estacionam, àquela hora, na praça. Também os homens, como as mulheres, se dirigem à mercearia que está com o seu banquinho atrás da escadaria, para pedir informações e as perguntas que lhe dirigem. Pode-se falar muito tempo? «Ele tem paciência para escutar?» Acontece terem-se confessado e comungado primeiro? revelam apreensões e perturbações de quem está para se apresentar a um examinador que o sondará até ao fundo. Há entre os homens, curiosos, que estão ali sómente para ver. Mas quando chega o pe-

para os botes, para pegar nos remos e levá-los para a ré, onde se fazia o salvamento.

E o comandante Piero Calamai, com a lógica simples de um homem de mar que tem a consciência de ter cumprido o seu dever, responde apenas: «Se tudo isso fosse verdade, como teríamos podido salvar tanta gente?».

HUMORISMO



SEM PALAVRAS



— O que quer dizer isso, meu querido?...

— É que morando nós no sexto andar, os nossos credores dificilmente cá voltarão...

FORTE DISTRAÇÃO

O freguês para a criada da pensão:

— Ouça lá, esqueceu-se do meu ovo escaldado — ou eu não o pedi — ou já o comi, porventura?

FREI TOMÁS

A ESPOSA, LENDO: — Uma dona de casa deve tratar as suas criadas com a mesma consideração com que trata seu marido.

O MARIDO: — Hum!... E quanto tempo pensas que elas se conservariam em casa?



A tragédia do pintor sem dinheiro



— Muito obrigado Carvalho!...

HÁ CINQUENTA ANOS

10 DE SETEMBRO DE 1906



atapetava-se de cascas de melancia, e Baco tomava conta do recinto.

Hoje, «roulottes» cortam as estradas, os piqueniques fazem-se de automóvel, e o tal «vinho de tostão», e o preço de menos de meio decelitre...

Tu foste ao Senhor da Serra
Nem um anel me trouxeste.
Nem os moiros da Moirama
Fizeram o que tu fizeste!

A noite começa a descer, e os

vapores do álcool a subir. As vezes, a Guarda Municipal intervinha, mas no fim tudo acabava em paz.

Em outro artigo, comenta-se com simpatia a audácia da Angela Pinto, em fazer o «Hamlet».

Angela ouvira falar nos célebres «travestis» da grande Sara Bernard.

E em vésperas de uma «tour-née» ao Brasil, que ela iria dirigir, a artista resolveu materializar o sonho.

Brazão dizia-lhe: «O que te falta é altura, rapariga!». E logo Angela, escrevia um bilhete ao sapateiro: «Mais três centímetros nas solas, não se esqueça»...

Alguém lhe disse que talvez não a tomassem a sério. A grande actriz melindrou-se e com aquele irrequietismo que sempre lhe foi peculiar, elucidou com a maior naturalidade: «Ora essa? Não sei porquê! Ninguém melhor do que

A OFENSIVA DOS SUPERSTICIOSOS

AINDA muita gente anda apegada à credence popular do mau olhado e da espinhela caída, como causas ocultas de tantos malefícios da alma. Na realidade, por muito que o homem evolua há hábitos e tradições, enraizadas através de séculos, que dificilmente deixam de manter a sua hegemonia no campo da superstição. É o caso do mau olhado, das cruces com sal à porta de cada um e da tinta derramada, à sexta-feira, prenúncio terrífico de calamidade iminente. O homem, nos seus afazeres, nesta voragem de tempo que consome esforços e o deixa haurido de entusiasmo para lutar, não tem oportunidade de reparar nas grandes ofensivas de superstição que se desenrolam à sua volta. Já se não fala, é bom de ver, nestas costumeiras de acreditar nos fluidos magnéticos de um mau olhado que pode deixar, desiludido no amor, o mais persistente enamorado.

Também não é de crer, com a maior convicção, nos males da espinhela caída, que põe o arco-boia mais resistente dobrado ao peso de tanta desventura. E, por um complexo de inferioridade, o homem não tenta reagir perante o círculo da superstição que o persegue, tornando-o, dia a dia, grilheta de um fatalismo doentio que o faz viver, permanentemente, num mundo de contrariedades criado pela imaginação febril. Há pessoas que não arriscam uma opinião, não iniciam uma viagem, nem assinam uma escritura a uma sexta-feira. Outros, porém, nos dias 13, por exemplo, gastam todas as reservas disponíveis no jogo da lotaria. Um cavalheiro, para provar que não era supersticioso, teve a grande superstição de casar a uma sexta-feira, dia 13, às 13 horas. Eram 13 os automóveis,

assim como por treze vezes tirou fotografias para o album de recordações. Alugou uma casa com 13 divisões. Iniciou a viagem de núpcias metendo o automóvel a atravessar treze localidades diferentes. Pois, com tanta euforia e desapego pela superstição se conduziu ao volante, que o carro resvalou por um barranco e a noiva ficou suspensa numa azinheira pela linda cauda do seu vestido de noivado. Ele só partiu, felizmente, treze dentes, pois os outros eram todos postiços. Pois teve muita sorte: ficou numa casa de saúde, a 13 quilómetros do local do desastre, e num quarto espaçoso que tinha precisamente o número 13. Assim como este cavalheiro desafiava, enérgicamente, os azares dos dias 13 outros há, porém, que fogem dele, apavorados. Um sujeito a quem ofeceram um lugar onde se fazia pouco e se ganhava muito não se apresentou no dia a prazado por ser sexta-feira. Quando lá chegou na segunda-feira já o tinham dispensado, por, no sábado ter aparecido um candidato apadrinhado por um aguerido exército de cartas de recomendação. E, como se isto ainda não fosse bem expressivo, há pessoas que esperam a oportunidade de triunfar na vida banindo do calendário um dia como outro qualquer pois, para quem tiver superstição de mau agouro com a sexta-feira, deve pensar, apenas, que aquele dia é, somente, a véspera de sábado. A vida não pode ser à mercê destas pequenas picuinhas que são unicamente, reflexões de ociosos. Quando for dia 13 ou sexta-feira ninguém tenha receio: basta fazer duas filgas e trazer, no bolso, uma pequena ferradura contra o mau olhado...

MANUEL MARTINHO

7RINTA e três fotografias que são um documento vivo e pitoresco da época.

Festejava-se alegremente o Senhor da Serra e a Senhora da Atalaia. O bom povo português, à sombra do arvoredo, indiferente às canículas de Agosto dessedentava-se e petiscava o lauto farnel arranjado de madrugada.

«Por cima de melão, vinho de tostão» diziam os festeiros, e no fim do repasto bem saboreado, uns dançavam para auxiliar a digestão, outros faziam um «bratê-papo» recorjortante.

O povo ainda hoje mantém o culto da petisqueira, e o pastel de bacalhau, continua a estar na alma nacional, mas a ingenuidade daqueles tempos, essa não volta mais. Os pobres cavalos das carroças eram vítimas dos foliões.

Em uma das fotografias, vê-se um infeliz rocinate, puxando uma carroçinha, onde doze pãndegos (doze!) se dirigem a frondosa quinta de Belas

Na Senhora da Atalaia, a grande atração eram os cirios. O cirio da Santa Isabel e o cirio dos Caramelos, disputavam a primazia do êxito.

Aglomerava-se o povo ingénuo, no Aterro, para ver o embarque dos cirios. Duplicava a multidão em Aldegalega, para os ver desembarcar. No azul do céu, os foguetes lançavam os seus nove gritos de alegria. À passagem do andor florido, transportando a pequenina imagem de Santa Isabel, ajoelhavam os crentes. E finda a parte religiosa, seguia-se a parte profana, vinha o homem do bombo e o da gaita de foles, o chão

eu, para este papel. O «Hamlet» era doido, e toda a gente sabe, que eu tenho areta!»

Perdularia no dinheiro e no talento, a sua morte emocionou Lisboa e quase que toda a cidade acompanhou a genial artista à sua última morada.

Amílcar de Sousa, o médico naturalista, faz o elogio da mulher do Douro.

Autênticas mouras de trabalho, o médico biografa-as: «De dia, de baixo de um sol de fogo, colhem as uvas, e de noite, no lagar, de saias arregaçadas «sovam» o vinho que lhes tinge as pernas nuas e roliças. E cantam e dançam, como embriagadas pela fermentação rumorejante. Quando chega o Natal, vão apanhar os bagos negros das azeitonas, que os homens com varas expulsam das pobres oliveiras prateadas que circundam, cariciosas, as vinhas esplêndidas».

A mulher do Douro, não des-cansa nunca.

E Amílcar de Sousa, pródigo e sincero no seu elogio, diz:

— «Que dores lancinantes eu não sinto a cada passo, em qualquer casa onde vou, médico dos pobres, mitigar a doença e tenho de buscar na terapêutica, o remédio mais barato, o conselho mais simples e a indicação mais fácil, porque em todas as casas do lavrador do Douro, a fome já entrou mais de uma vez».

Na verdade, é dura a vida dos pobres.

Ai de quem não tem resignação!

Fechamos com saudades a última página deste belo número da «Ilustração Portuguesa». Malheiro Dias, «grande» da nossa literatura, que mais tarde iria fundar no Brasil, «O Cruzeiro», que hoje é um dos melhores «magazines» da América do Sul, era mestre na escolha dos assuntos.

Por isso, olhamos com carinho e ternura, a simpática avózinha do actual «Século Ilustrado».

L. R.

DESCULPA JUSTIFICADA

A TIA: — O quê, menina! Pois tu não protestaste quando ele te beijou?

A SOBRINHA: — Então como queria a tia que eu protestasse? Não sou ventriloqua!

TARDE DEMAIS

O FILHO (entrando no escritório do pai): — Olha, pai, só cá vim ver-te um instante.

O PAI: — Vieste tarde demais meu rapaz. Tua mãe também me veio ver um instante, ainda pouco, e levou todos os trocos que tinha.

RESOLUÇÃO PRÉ-VIA

— Mas porque não pedes tu a teu marido qualquer conselho para resolver essa questão?

— Pois hei-de pedir, sim. logo que eu tenha decidido bem o que tenciono fazer.

Os grandes homens
compram as lâminas
mais afiadas
que podem obter



Compram

Lâminas Gillette Azuis
as mais afiadas do mundo

Também se vendem em dispensers de 10.

ANIBAL TAPADINHAS O MAURICE CHEVALIER PORTUGUÊS VAI PARA O CONGO BELGA

Mais outro artista de variedades se está preparando para ir de abalada e deixar o nosso país.

Trata-se de Anibal Tapadinhas, — o Maurice Chevalier português, como o povo o trata. Artista modesto, mas de grande categoria, o seu trabalho é daqueles que se admira sem enfado, dadas as suas qualidades de comerciante musi-

cal.

Anibal Tapadinhas, — ao que se afirma — vai fixar residência no Congo Belga, em Leopoldville, onde pensa dedicar-se não só à carreira artística, — para o que conta com inúmeros contratos, mas também à comercial. A sua abalada está prevista para os primeiros dias de Novembro.

TRÊS NOVOS MÉTODOS PARA TRATAR A GAGUÊS

(Continuado da pág. 1)

camente, sem se diferenciar dos normais. Não obstante, é certo que alguns factores psíquicos intervêm, quando mais não seja, para intensificar ou atenuar o defeito.

Por exemplo, a gaguez diminui, ou mesmo desaparece, quando a conversação é pouco importante, quando os interlocutores no incutem sujeições (familiares, amigos, crianças pequenas, pessoas já ao corrente de tudo quanto se está falando) ou então não demonstram impacientar-se, estar embaraçados, divertir-se, escutar com particular atenção. Outras vezes, pelo contrário, a condição é melhor em face de estranhos, porque, diz o gago, «eles não conhecem o meu defeito e não estão à espera dele». Outras causas da diminuição da imperfeição são: falar com pessoas socialmente e intelectualmente inferiores, estar cansado, encontrar-se em particulares condições de excitação de alegria, de entusiasmo, falar caminhando ou dançando.

Os elementos psicológicos, têm portanto, evidentemente, grande importância.

Como também têm importância, os factores hereditários. Muito fre-

quentemente se notam nas famílias dos gagos, perturbações da linguagem de vários géneros, e particularmente uma demora no desenvolvimento da linguagem, e com frequência notável se encontram outros gagos, em gerações mais ou menos vizinhas. Uma condição que tem uma clara relação com a gaguez é, além disso, o ser canhoto. Os gagos são proporcionalmente mais numerosos entre os canhotos do que entre os que o não são, e sucede, às vezes, ver manifestar-se a gaguez, nos canhotos que se tenta forçar a que deixem de o ser. Portanto, um aviso importante aos pais: se a criança for canhota, deixem-na ficar como é, não se lhe importa uma correcção que poderia ter consequências prejudiciais a muitos respeito.

De resto, à parte a questão de ser canhoto, os pais são sempre os mais preciosos colaboradores do médico, na prevenção e no tratamento da gaguez infantil. Considerem com tolerância, antes com absoluta indiferença, as normais dificuldades contra as quais todas as crianças devem combater, quando começam a falar; nenhuma crítica, nenhuma impaciência, nunca censuras ou desaprovações.

E se notarem que existe um princípio de gaguez, será conveniente proceder de maneira a não fazer notar isso à criança, não lhe dar de maneira alguma a sensação de ser considerada uma anormal. Nada pior do que uma mãe demasiado ansiosa e protectora, ou um pai brusco e irritável; nada pior do que as atenções excessivas, as preocupações exageradas, os rígidos preceitos educativos.

Vejam, rapidamente, quais são estes métodos. Em primeiro lugar a terapêutica chamada reeducativa, que se propõe levar o paciente, de novo, a uma linguagem correcta, de dar-lhe novamente o contróle dos músculos que intervêm na articulação das palavras. Os sistemas para seguir tal caminho são numerosos: exercícios graduais de respiração, de emissão da voz, de articulação de sílabas isoladas e de palavras, enfim, exercícios de linguagem, por meio de diálogos e leituras, em voz baixa, depois em voz alta e diante de um auditório. Com a reeducação, é muito fácil suprimir a gaguez, mas é frequente a eventualidade de que o paciente, fora da vigilância do médico e uma vez entrado na vida normal, recomece a gaguejar, porque não tem a constância de aplicar os ensinamentos que o médico lhe indicou. Devem intervir aqui, a vontade, a perseverança de que falámos ao princípio.

CAMINHO DIFÍCIL

Não se deve descuidar, portanto, o tratamento higiénico geral: regular a alimentação e toda a conduta da vida em geral, tratar os estados da fregueza e de esgotamento físico e nervoso, a magreza, a anemia. Seria impróprio dizer que existem remédios contra a gaguez, porém, alguns especialistas aconselham pequenas doses de somníferos ou de naleriana, como sedativos da tensão nervosa, vitamina B em doses altas durante muito tempo, tiamina.

Com esta última substância, que é exactamente uma das vitaminas do complexo B, a B1, observa-se uma nítida melhora em vários casos, exclusivamente, porém, nas crianças.

Há, enfim, os tratamentos curativos fundados sobre a psicoanálise. Consistem, nas suas linhas essenciais, em indagar o insciente do paciente, os aventuais trames emotivos do passado; virão pouco a pouco a memória episódios infantis esquecidos, virão à luz conflitos e complexos, o sujeito tomará consciência da sua inteira personalidade. Os mesmos psicoanalistas, porém, são bastante cautelosos em julgar a eficácia do próprio método. Contudo, seja qual for o sistema seguido, as probabilidades de cura são notavelmente elevadas, especialmente nas crianças. O adulto possui, por sua parte, armas que as crianças não têm: a inteligência para compreender o que pretende dele o especialista, a firmeza de carácter, o conhecimento e o contróle de si próprio. Tudo está em saber usar estes meios em tirar proveito deles, sem perder a coragem, mesmo que o caminho seja difícil e que os resultados não se obtenham com a brevidade desejada.

UMA OBRA POLICIAL QUE ESGOTOU EDIÇÕES SUCESSIVAS

ISTO É UM CRIME

por Richard Ellington

A América é fértil em sucessos literários principalmente no campo policial

Mas difficilmente outra obra suplantou o interesse e a curiosidade que o livro da autoria de Richard Ellington «ISTO É UM CRIME» alcançou nos Estados Unidos em que as edições se sucederam vertiginosamente

EDITORIAL-«SECULO»

acaba de pôr a venda em todo o País esta obra-prima de engenho policial



PREÇO 15\$00

TERAPEUTICA DIRECTA

Em vez disso, é necessário valorizar a criança, torná-la segura de si, criando uma atmosfera de confiança e de respeito pela sua personalidade em formação.

Estes simples meios, poderão ser suficientes para trazer à normalidade a situação da linguagem, inicialmente comprometida.

Quando isto não baste, ou quando se trate de gagos já adultos, passar-se-á à terapêutica directa. E aqui, intervêm o especialista, o «que trata da fonética» (isto é, o médico da voz e da palavra), cujo fim será antes de tudo, escolher os métodos mais apropriados para cada caso particular.

PAOLA CAVALLI

MEIO SÉCULO DE COLÓQUIOS COM GENTE SEM ESPERANÇA

(Continuado da pág. 3)

queno padre de cabeça branca, com o olhar ausente (vago). que caminha a pequenos passos arrastados, impellido para algum que se aproxime dele na estrada (o padre Cappello chega a pé de Gregoriana, e é raro que aceite uma passagem em automóvel) e algum que esteve à espera dele uma hora, ou duas, ou mais, se ajoelha diante dele como um impeto sincero, os curiosos experimentam um certo mal estar.

Ao domingo há gente que espera o padre Cappello desde as seis horas da manhã. Sabe-se que àquela hora, ele tem já celebrado a Missa para as irmãs (freiras) e que chegará de um momento para o outro. É dia de audiência, geral e não é raro que tomem parte nela comitivas (grupos) que chegam em «pullmen». Desde há muitos anos, que o jesuíta que é considerado um dos mais insígnies lentes da Universidade Gregoriana, confessa milhares de fiéis. Quando este ano, durante os primeiros quinze dias de Julho, o padre Cappello permaneceu ausente de Roma, para um breve período de repouso, a gente desesperada que recorre a ele duas vezes por semana encontrou-se de improviso sem o «Confessor dos Confessores», sobre cujos ombros esteve habituada a descarregar os próprios fardos.

O padre Cappello estava em Agordo, onde um seu irmão foi paroco durante muitos anos. A pequena multidão das terças e quintas-feiras continuava a reunir-se na praça de S. Inácio.

Uma tarde chegou uma mulher que se arrastava a custo, apoiada por duas que a acompanhavam, e chorou quando soube que o padre Cappello estava ausente. Vinha, disseram para impetrar (obter supplicando) uma intervenção para uma sua filha que tentara suicidar-se num momento de extremo desânimo cansado por uma grave questão familiar. A mulher, sempre chorando entrou na igreja quiz ajoelhar-se deante do confissionário do Jesuíta, e permaneceu ali algum tempo, em recolhimento. As outras mulheres que estavam na igreja resavam em voz alta o rosário. Levantou-se de repente, e apareceu como se estivesse calma; no seu rosto já não havia sinal de angústia nem de pranto. Algumas mulheres que se aproximaram para a consolar e para lhe dizer, que no domingo próximo o padre Cappello estaria certamente de regresso, respondeu: «Voltarei para lhe agradecer, porque tenho a certeza de que hoje ele resou por mim».

Não existe uma crónica (relato) das intervenções extraordinárias do padre Cappello, e quem procu-

rasse fazê-la, ofenderia a sua humildade e causar-lhe-ia uma grande dor.

Não existe, nem ao menos, quanto custe ao principio a acreditá-lo, a possibilidade de uma crónica oral: no sentido de que as pessoas que falam com ele, não estão dispostas a contar com pormenores, quais as consolações que obtiveram, quais os acontecimentos que a sua intervenção pode conjurar.

Mas só com o falar durante dias e dias, com aquela pequena multidão de mulheres e de homens que se reúne em S. Inácio, aprende-se somente com poucas frases, em acenos imediatamente apagados numa invencível reserva, uma infinidade de episódios. Um homem foi dizer-lhe que a mulher seria internada no dia seguinte para uma desesperada tentativa de operação cirurgica, e ouviu que ele lhe dizia: «Não será necessária a operação. Tende esperança em Deus». Uma jovem mulher que se desesperava pelo desaparecimento do marido (dizia-se que se tinha alistado na Legião Estrangeira) ouviu ele responder-lhe: «Tende esperança em Deus. O vosso marido voltará».

A operação cirurgica não teve lugar, porque a doente venceu a crise. A esposa abandonada recebeu há dias um bilhete postal do marido; não está na Legião Estrangeira, compreendeu o erro que cometera abandonando o lar e voltará quanto antes, porque uma voz lhe falou ao coração. O padre Cappello, é o confessor dos problemas insolúveis, das complicadas situações humanas para as quais ninguém estaria em situação de sugerir um remédio: é o consolador da gente desesperada, daqueles que se sentem irremediavelmente condenados. Nunca ninguém poderá contar em pormenores as suas obras. Mas a quem tiver a constancia de assistir durante vários dias aos seus encontros com centenas de pessoas, pode acontecer chegar ao conhecimento de uma comunicação que tenha algo de prodigioso.

Quem soube qual é a profundidade da sua doutrina, e como ele é, no campo da Acológia Moral, do direito canónico e civil, e da filosofia, uma autoridade, não pode deixar de ficar espantado com o espectáculo daquele trato comunicativo, de humilde frade de provincia.

O sacerdote que da sua cátedra da Gregoriana discutiu os mais graves argumentos do Direito Canónico, e preparou, naquele campo, o advento de uma nova escola, em tudo aderente (partidária) do magistério da Igreja sabe encontrar a linguagem mais fácil na-

queles colóquios agitados que se desenvolvem ao longo do itinerário tantas vezes percorrido, da Gregoriana à rua do Caravita.

Encaminhado muitíssimo jovem para os estudos e portanto, para o ensino, ele nunca descurou o sacerdócio. A quem lhe fala de milagres e de apostolado, de santidade, ele responde interrompendo: «Sou um sacerdote e faço o pouco que posso, para cumprir os deveres da minha condição».

O seu dia é suficiente para os mais pesados deveres. De manhã muito cedo vai ao convento das irmãs dos Suchesi dizer missa e confessar. Volta à Gregoriana, e antes do horário das lições recebe religiosos de todas as ordens que pedem para lhe falar para se confessarem e para lhe fazer perguntas (esquisitas) delicadas. Entra na aula das lições fresco e disperto (vivo), como se começasse então o seu dia. A tarde é sempre dedicada a confissões e colóquios em S. Inácio ou na Gregoriana. Até alta noite continua o seu trabalho: um texto para rever, um parecer para exprimir (dar), uma lição para preparar. Nunca descurou (deixou) um dia, segundo afirma quem vive sob o mesmo tecto, de cumprir todas as obrigações impostas pela «regra» da Companhia de Jesus. Durante uma única vez da sua vida, foi obrigado a ter dois dias de repouso absoluto: foi, quando, em 1950, ficou ferido num desastre de automóvel.

Em mais de meio século de sacerdócio, de estudos, de ensino, contribuindo para defenir as relações entre a Igreja e o Estado com uma obra apreciada (de valor) que foi publicada em 1909, e dedicando-se a profundar a relação entre o direito Canónico e a legislação concordatária, no que diz respeito ao matrimónio (com dois importantes volumes que definem toda a complexa e delicada matéria), o padre Cappello é considerado em todo o mundo católico, o mais insigne juriconsulto que a Igreja tem presentemente.

Mas a sua obra de confessor, que não pode ser, como dissémos, reunida em volumes; aqueles seus colóquios que não há maneira de avaliar com uma cifra — meio século de colóquios com milhares e milhares de pessoas — estão ao serviço da aplicação quotidiana dos homens, que procuram, na hora do desalento e da angústia, um sinal, uma palavra.

PARADOXO

— Afinal de contas, sabem o que falta ao orangotango para ser homem? — dizia um naturalista.

— A palavra.

— De facto; só a palavra. Se o animal pudesse dizer: sou um orangotango, seria um homem.

O SEU PROPÓSITO

A MAE: — Receio que o teu vestido novo seja demasiadamente dispendioso para agradar a teu marido.

A FILHA: — Ah! Eu também não o fiz para lhe agradar a ele. Foi-lo para arrelhar as outras mulheres.